# CONCEPÇÕES E TENDÊNCIAS QUE PERMEIAM AS PRÁTICAS DE ENSINAR

No Brasil essas tendências se desdobram em dois grupos: as de cunho liberal que são: pedagogia tradicional, pedagogia renovada e tecnicismo educacional; as de cunho progressista, pedagogia libertadora, pedagogia histórica crítica e pedagogia crítico-social dos conteúdos. Embora, entre elas existem outras correntes vinculadas, porém essas são as mais conhecidas.

Na pedagogia tradicional a atividade de ensinar é centrada no professor que exige receptividade do aluno, o meio de ensinar é através de exposições e demonstrações verbais das matérias ou por meio de modelos. Os conteúdos são valores sociais acumulados através dos tempos e repassados aos alunos como verdades absolutas. A aprendizagem é receptiva e mecânica, sem se considerar as características próprias de cada idade, o aluno é assim um recebedor da matéria e sua tarefa é decorá-la. O papel da escola é a preparação intelectual e moral dos alunos para assumir seu papel na sociedade.

A didática tradicional ainda prevalece em muitas escolas, é comum a tarefa de mera transmissão de conhecimentos feita pelo professor, sobrecarregando o aluno de conhecimentos sem que esse possa fazer um questionamento, apenas decora os conteúdos e faz exercícios de repetição. Está prática escolar empobrece as boas intenções da Pedagogia Tradicional, que prendendia com seus métodos a formação do raciocínio, o treino da mente, da vontade e a transmissão da cultura geral.

A Pedagogia renovada inclui várias correntes: a progressivista, que se baseia na teoria educacional de John Dewey, que defendia a democracia e a liberdade intelectual para os alunos, e o pensamento como instrumento para a maturação emocional e intelectual. Não diretiva, baseia-se em Carl Rogers (1902-1987), para ele o mais importante é a relação professor aluno e a busca dos conhecimentos pelos próprios alunos, não se preocupou em definir práticas. Acreditava ser impossível a transmissão do conhecimento diretamente de outra pessoa. Para ele os alunos só aprendem o que lhes interessa e a relação professor – aluno tem que ser de confiança e sem hierarquia. A ativista-espiritualista (de orientação católica), a culturalista ainda pouco conhecida, traz uma proposta em que o professor é auxiliador no desenvolvimento livre da criança. Nela a aprendizagem é baseada na motivação e na estimulação de problemas. Os conteúdos são estabelecidos através das experiências vividas pelos alunos e a escola deve se adequar às necessidades dos alunos ao meio social. A piagetiana, a montessoriana entre outras correntes.

O tecnicismo Educacional desenvolveu-se no Brasil na década de 50, à sombra do progressivismo, ganhando nos anos 60 autonomia quando se constituiu especificamente como tendência. O papel da escola era o de modelar o comportamento humano através de técnicas específicas, as informações eram ordenadas lógica e psicológicas, e os métodos são procedimentos e técnicas para transmissão e recepção de informações. A relação professor-aluno é objetiva e o professor transmite informações cabendo ao aluno vai fixá-las, assim sendo, aprendizagem era baseada no desempenho. Tinha como perspectiva, tornar a escola eficiente e funcional e para isso o ensino era centrado nas técnicas, tinha como eixo central o Behaviorismo, para o qual a aprendizagem consiste em mudança comportamental, através de estímulos esforços e condicionamento.

As tendências progressistas estão voltadas para pedagogias com interesses na maioria da população. Nos anos 80 é que tomaram maior solidez. São também conhecidas como teorias críticas da educação. Entretanto, antes já existiam esforços no sentido de formular propostas para a educação popular. Por iniciativa de militantes socialistas no começo do século já se formavam movimentos de renovação educacional. No movimento dos pioneiros da escola nova, muitos integrantes tinham interesse em superar a educação elitista e discriminadora da época.Houve também uma grande movimentação em torno da cultura popular, que procura resgatar a verdadeira raiz da cultura do povo. E em virtude destas movimentações que surgem a Pedagogia libertadora. Entre outras surgem também a libertária e a crítica social dos conteúdos.A tendência que é denominada pedagogia libertadora, surgiu nos anos 60 com o movimento de educação de adultos, gerando idéias pedagógicas e práticas educacionais de educação popular.

A Pedagogia libertadora não tem uma proposta didática, não atua em escolas, porém busca a transformação social através da análise de problemas da realidade e do meio sócio econômico, buscando levar um nível de consciência da realidade em que vivem tendo em vista a ação coletiva frente a esses problemas e a realidade. Trabalha com temas geradores, com grupo de discussão onde a relação professor aluno é horizontal. É uma atividade de ação conjunta entre professor e aluno onde a didática busca desenvolver processo educativo no interior dos grupos.

Representada pela teorização de Paulo Freire (1921-1997) que criticava a idéia de que ensinar é transmitir saber, para ele missão do professor era possibilitar a criação ou a produção de conhecimento.

O método de Paulo Freire tem como propósito tornar o ensino mais rápido e acessível e também pretende habilitar o aluno a “ler o mundo” na expressão do pedagogo, “trata-se de aprender a ler a realidade (conhecê-la) para em seguida poder reescrever essa realidade (transformá-la)”.

Para a pedagogia histórico-critica a escola é a difusora de conteúdos e cumpre a função social e política, sistematizando os conteúdos culturais e universais que são incorporados pela humanidade. Para ela o importante são os conhecimentos sistematizados que sejam confrontados com as experiências sócio-culturais e a vida concreta dos alunos, como meio de aprendizagem e melhor assimilação dos conteúdos. O professor é o mediador entre o saber e o aluno, e a aprendizagem está baseada nas estruturas cognitivas já estruturadas nos alunos.

O conhecimento segundo esta teoria epistemológica, é o resultado do trabalho humano no processo histórico de transformação do mundo e da sociedade constrói-se, fundamentalmente a partir da base material.

Todavia, não apenas a realidade material e a ação do homem sobre ela dão origem ao conhecimento humano. As organizações culturais, artísticas, políticas, econômicas, religiosas, jurídicas etc. também são expressões sociais que cumprem essa função. Enfim é a existência social dos homens que era o conhecimento (GASPARIN, 2005, p.4)

Essa teoria define também uma concepção metodológica dialética do processo educativo, ou seja, deve-se educar conforme a aquisição do conhecimento pelo sujeito.

A metodologia dialética passa por todo o trabalho professsor-aluno, e vai procurar desenvolver o processo de construção do conhecimento escolar, tanto na forma do professor elaborar seu projeto de ensino, como as ações dos alunos. Ela procura dar unidade a todo o processo educativo.

Gasparin cita Saviani (2005) ao expor que: ao correlacionar a teoria dialética do conhecimento com a correspondente metodologia do ensino aprendizagem, há um:

O movimento que vai da síncrese (a visão caótica do todo) à síntese (uma rica totalidade de determinações e de relações numerosas) pela mediação da análise (as abstrações e determinações mais simples) constitui uma orientação segura para o processo de descoberta de novos conhecimentos (método científico) como para o processo de transmissão-assimilação de conhecimento (método de ensino) GASPARIN apud SAVIANI, 2005. p.5).

E complementa que assim se expressa:

Se a teoria dialética afirma que: 1°) o processo de conhecimento tem como ponto de partida a prática social; 2º) a teoria está em função do conhecimento científico da prática social e serve como guia para ações transformadoras e 3º) a prática social é o critério de verdade e o fim último de todo processo cognitivo a concepção metodológica dialética adota o mesmo paradigma , qual seja, 1º o partir da prática 2º teorizar sobre ela e 3º voltar à prática para transformá-la (GASPARIN apud CORAZZA, 2005, p. 6).

Neste sentido, esta proposta pedagógica, deriva da teoria dialética do conhecimento, tendo em vista a tomada de consciência da prática onde deve fazer com que professor e os alunos possam refletir sobre seu cotidiano e seu prático.

A pedagogia crítico-social dos conteúdos surge no começo dos anos 80 dando ênfase aos conteúdos, confrontando-os com a realidade social, e também ênfase às relações interpessoais, centrado no desenvolvimento da personalidade do indivíduo, em seus processos de construção e organização pessoal da realidade.

Uma das principais características dessa tendência é que os conteúdos não devem vir separados da realidade social. O principal papel desempenhado pela escola é tornar os alunos críticos e conscientes das contradições existentes na sociedade da qual estão inseridos.

O método utilizado nesta tendência busca fazer a relação entre a teoria e a pratica, partindo do o aluno já sabe e fazendo uma ponte para os novos conteúdos.

Em cada tendência se pensava a realidade da escola e sua prática educativa, a Pedagogia com a didática, ou seja, a melhor maneira de ensinar.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2005.